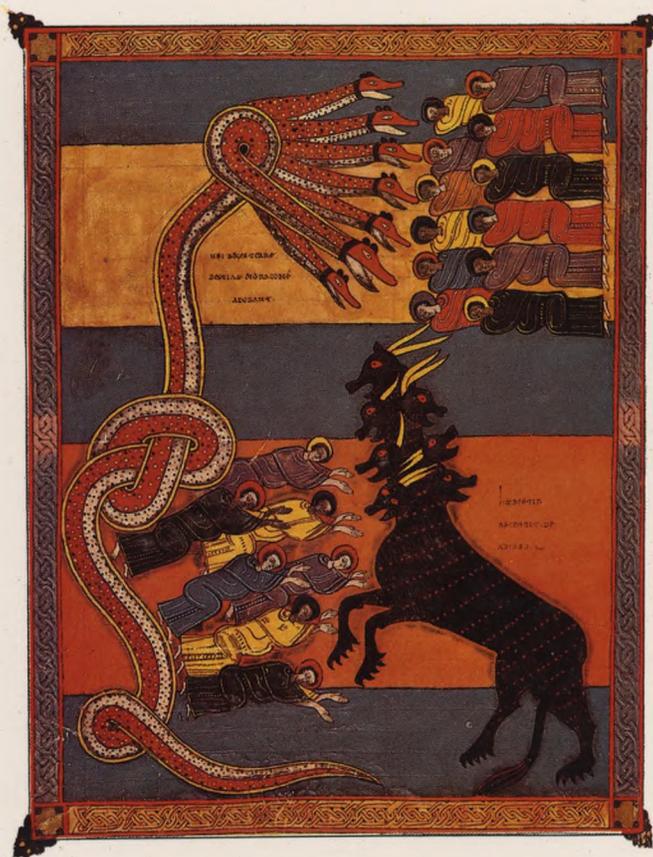


⓪ Sagrado e o Profano



HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1986

ASPECTOS DA SOCIABILIDADE OITOCENTISTA:
O «JORNAL FRANCÊS» *L'ABEILLE** **
(1840 a 1841)

«O gratuito não existe em Historia. E a autonomia do sectorial também não»

Os Primórdios da Maçonaria em Portugal

Um «jornal único»

L'Abeille, semanário inteiramente redigido em francês, surge em Lisboa, em Abril de 1836. Escrevem-no Francisco Ladislau Alvares de Andrada, seu fundador, e Catarina Douthat de Andrada.

Inicialmente o jornal congrega os sufrágios dos seus colegas maiores. Estes louvam-no pela «perfeição da língua» e pela cuidadosa selecção dos textos que divulga. Em breve, porém, «le journal du monde élégant» assume posições suspeitas. E não lhe bastará afirmar que:

«...la pauvre *Abeille* (it. no texto) ne s'occupe ordinairement que de faire, *tout bêtement* (it. no texto) son petit butin parmi les fleurs qui ornent la Littérature des différents pays, afin qu'on puisse passer avec agrément quelques instants, dérobé aux graves ou aux ennuyeuses occupations de la journé....» (n.º 9, jun. 1836, p. 234).

Recém-chegado de Paris, e estrangeirado confesso, Francisco de Andrada vê o seu jornal acoimado de conluio com os

* Universidade de Aveiro.

** Actualizei a ortografia mas mantive as maiúsculas pelos valores que, no séc. XIX, ainda carregavam.

As referências aos números de *L'Abeille*, de que são citados passos, vêm incluídas no texto, para maior facilidade de leitura.

então chamados «devoristas». Os acontecimentos de Novembro, sagrando o Setembrismo, levam-no a suspender *L'Abeille* e a remeter-se a um silêncio prudente, durante quase quatro anos 0). Em Outubro de 1840, porém, sabendo já que os ventos serão outros, decide retomar a tarefa de distrair, e afinar, pelo discurso de uma certa França, a educação da «partie civilisée de la nation», sua destinatária eleita e frequentemente interpelada.

O termo do «pesadelo setembrista» marca bem o reaparecimento do periódico, que ficará na memória dos contemporâneos como «o jornal francês de Lisboa» (2). Com readquirida confiança Francisco de Andrada quebra o pretenso anonimato de 1836. E reivindica, publicamente, a propriedade e a direcção de *L'Abeille*. Assume, também, desde logo, a responsabilidade pela nova rubrica, intitulada «Chronique de la Semaine», e, a seguir chamada «...de la Quinzaine», por força da mudança de periodicidade. Com efeito, a bem-vinda lei de 19 de Outubro de 1840 obriga a revista a tornar-se bimensal. Opta,

C¹) Em 1836 *L'Abeille* envolve-se em polémica com os jornais *O Independente* e *O Nacional*, representativos de tendências já em confronto declarado. Dessa polémica dou conta em artigo de próxima publicação. O folhetinista do jornal fundado pelo futuro visconde de Seabra recusa, explicitamente, a interferência de estrangeiros na cultura nacional, bem vista por muitos. A proposta de *L'Abeille*, que insistia na contratação do actor francês Paul como mestre dos artistas portugueses é considerada como um grave atentado do redactor, que declara já a sua opção pela Carta e vinha elogiando o *Lisbon English Journal*. O articulista, defendendo a nossa lingua, então quase único baluarte, em meio cidadão, contra a dependência política e económica em que nos encontrávamos, denuncia-o em bloco. A palavra «estrangeirado» não é pronunciada neste número de *O Independente*, mas a recusa da intromissão alheia, na área fulcral do teatro, denota a consciência lúcida da inevitável interpenetração do económico, do político e do cultural, particularmente visível depois da paz hipotecada de 1834.

O termo e o conceito de «estrangeirado» evoluem, no decorrer do séc. XIX, no processo que virá a integrá-lo no léxico dos saberes compreensivo-comunicativos. A problemática complexa que lhe subjaz não se compadece com revisões parciais. Na área da História Literária e da Comparística, em que me situo, esta noção, que vinha carregada de conotações de sinal contrário, tende a ser substituída pela de «intermediário» entendido como agente, maior ou menor, do diálogo entre as culturas, no âmbito de um conceito alargado de Literatura. Cf. Álvaro M. Machado e Daniel-Henri Pageaux, *Literatura Portuguesa. Literatura Comparada. Teoria da Literatura*, Lisboa, 1981, p. 21 e ss.

(2) A visão de um Marquês da Fronteira acerca do Setembrismo confirma os sentimentos dos grupos com os quais Francisco de Andrada se identificava. Cf. José Augusto França, *O Romantismo em Portugal*, Lisboa, s. d., II, p. 340.

assim, por dobrar o número de páginas, alegando as vantagens daí decorrentes, e que nem todas as suas congéneres descortinam.

Em 1841 Francisco de Andrada regressa a França ⁽³⁾. Catarina de Andrada prossegue a obra do marido. Em 1842 assumirá, oficialmente, a direcção do periódico, ao qual vinha imprimindo, em certa medida, um novo estilo, prevalecente até à extinção definitiva, em 1843.

As crónicas de L'Abeille

Tomei como objecto deste trabalho, resultante de uma análise em processo, o *corpus* constituído pelos textos designados por «Nouvelles de la Cour» e «Nouvelles de la Ville». De 1840 a 1841, ocupam um lugar privilegiado na «Chronique» acima referida. Com ela se encerra, ritualmente, cada um dos números publicados sob a orientação presencial de Francisco de Andrada.

Neste discurso «noticioso» cumpre-se um ciclo completo da vida lisboeta. Iniciado com a «estação dos bailes», prossegue até ao êxodo estival para Sintra e fecha com o regresso da Corte à cidade. Pontualmente, de sábado a sábado, a revista rememora, selecciona os factos marcantes, neste início dos curtos anos de fausto e de glória mundanas, propiciados pelo regresso à Lei e à Ordem. Uma e outra sempre serão promovidas, no discurso variado, mas não vário, do redactor destas crónicas.

Os relatos que focam os dois espaços preferidos por Francisco de Andrada sobrepõem discursos diversificados, instituidores da ambígua ficcionalização de um certo real: o da vida «na Corte» e o da vida «na alta sociedade» ⁽⁴⁾. A primeira é

⁽³⁾ No artigo referido na nota 1 segui a sinuosa e paradigmática carreira do futuro Conselheiro Andrada. Na época aqui evocada o director de *L'Abeille* acumulava as funções de amanuense da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros (SENE), o que lhe permitia incluir-se no «Corps Diplomatique»..., com a actividade de jornalista, cujo estatuto e prerrogativas invoca, altamente, no seu jornal. Sobre *L'Abeille* as informações variam e são escassas. Cf. ob. cit., II, pp. 338-339.

⁽⁴⁾ Cf. Claude Duchet, «Une écriture de la socialité», *Poétique* 16, pp. 446-454. A escrita de F. de Andrade inverte, em certa medida, os dois aspectos complementares e conflituais conducentes à «...socialité de la matière romanesque», no quadro da literatura dita realista, em muito devedora do discurso jornalístico. As práticas discursivas instrumentalizadas nas «Chroniques» não produzem uma «société du roman», mas pretendem escrever o «romance de uma sociedade real», numa revista mais que reticente em relação ao Romantismo. Deste modo, o extra-texto das «noticias» narrativizadas torna-se o

erigida em mítico exemplo e ambas são objecto de uma ‘proximização’ ambivalente e encantada. Deste modo, através de textos cronologicamente sincopados e sem ligação aparente, senão as dos subtítulos, que os confinam ‘ao Paço’ ou ‘à Cidade’, sucedem-se unidades temáticas agrupadas de forma aparentemente espontânea. Uma leitura mais atenta, contudo, permite encontrar aí a configuração de dois «grupos de referência», em interacção constante. É assim que, ao escasso número de burgueses e burguesas já civilizados, seu público natural, o cronista propõe uma re-visão do «grande mundo», frustemente enfiada num rosário de estereótipos, de uso velho e de eficácia tida por segura. Por necessária brevidade seguirei apenas um fio, entre os muitos outros deste tecido dos micro-dramas construídos nas duas séries paralelas das «Nouvelles». Tudo indica que correspondem, e respondem, a uma pedagogia do novo saber viver, também inscrito nas narrativas ficcionais contidas nos 28 números de 1836, como nos 66 números publicados de 1840 a 1843.

As «Nouvelles de la Cour»

O mundo da Corte surge em configurações narrativas de extensão variável, que podem ir das duas linhas por «notícia» às quatro páginas de descrição. A imagem do Trono, na sua imutável continuidade, constitui um dos eixos do discurso em que *L’Abeille* inscreve a sua inserção numa sociedade marcada pela consciência da sua participação numa radical mudança do caminho da História. Como se verá, a iteração temática permite-lhe compensar, com proveito, os condicionalismos da dilatada periodicidade. Redizendo, ostensivamente, a sua adesão ao presente, as «Nouvelles de la Cour» dirão, invariavelmente, os possíveis do passado.

A testemunhar conflitos larvares e/ou declarados, mais complexos que a pendência conjuntural entre Setembristas e Cartistas, está a quadra emblemática que «abre» *L’Abeille*.

lugar do explicitamente dito, mas tende à «...l’autrice romanesque, à l’autosuffisance d’un microcosme...» que as quer tornar tão inquestionáveis como o foi o «pacto de leitura» que sancionou a ficção da época. Neste processo intervêm, também, estratégias a que chamaríamos ‘de base’: A ficcionalização do real passa, em *L’Abeille*, pela transformação prévia dos «factos» em «acontecimentos» extra-ordinários, através de procedimentos como os que analisa Pierre Rétat. em artigos de útil leitura: «Les Gazettes: de l’évènement à l’histoire» e «Rhétorique de l’article de journal: les *Mémoires de Trévoux*, 1734», in *Etudes sur la presse au XVIII^e siècle*, no. 3, 1978, pp. 23-37 e 81-100.

Francisco de Andrada sabe-os bem. Escolhendo versos de Jean-Baptiste Rousseau, recorda e confirma as suas posições de 1836, igualmente presentes nos sucessivos subtítulos, de facto autênticos programas, ainda que não cumpridos ⁽⁵⁾. Serão sobretudo projectos, em consonância com as expectativas que *L'Abeille* supõe no público de quem quer ser protegida como naquele de quem se pretende mentora e conselheira. Neste contexto, de discurso «de manifesto», o redactor visará sempre «les classes élevées», segundo uma clara hierarquização ⁽⁶⁾.

Du côté de la Cour aparecem, assim sistematicamente, as personalidades designadas por fórmulas como «les membres de la Famille Royale», ou «L'Auguste Famille», em círculo por vezes alargado a «toute la Cour». Nomeadas, ou metonimicamente, representadas pelos seus títulos e qualidades, surgem de forma que leva os leitores a darem-lhe a sua atenção/adesão. A ordem por que são «ditas» obedece ao protocolo oficial, mas contém sinais de reconhecimento descodificáveis pelos contemporâneos como informação suplementar.

A Rainha e o Rei, logo seguidos da imperatriz Maria Amélia de Bragança são os actores principais da encenação que transfigura os «factos» do seu quotidiano em «acontecimentos» ⁽⁷⁾. O jornalista exerce sobre aqueles o seu poder de escolha, justificada pela periodicidade. Retirados *a posteriori* da actualidade lisboeta, são dados como «actos». Dignos de registo ou prenúncios de um futuro em conformidade com o «horizonte de espera» habilmente alimentado por *L'Abeille*. Os jovens Infantes, envolvidos na estratégia ideológica e retórica destas «Nouvelles»,

⁽⁵⁾ Nos estudos a publicar referi já as implicações de uma e dos outros. A quadra em questão remete para o ludismo revalorizado pela burguesia instalada, mas a gravura representando uma colmeia, que foi sempre o emblema de *L'Abeille*, sanciona o mito da Ordem e do Trabalho, também proposto pelo «diligente insecto».

⁽⁶⁾ Muito do que, para a aristocracia cultivada, decorre da nova dinâmica social está ainda por «naturalizar» entre a grande maioria dos burgueses e burguesas de Lisboa. Estes aspiram ao estatuto de «personnes de distinction» e, se possível «de qualité», mais difícil de adquirir. *L'Abeille* deixa implícita, mas clara, a diferença. E promove a necessária mudança de atitudes, possível aos grunos em ascensão. Avesa a todas as revoluções aponta «os modos de emprego» graduado dos costumes fundadores de uma sociabilidade nova em nome do todo-poderoso «bom-tom», título de um artigo-chave, publicado já perto da sua extinção, em 1843.

⁽⁷⁾ Cf. P. Rétat, «Les Gazettes...», pp. 26-30. É notória a ínvia justaposição temática dos curtos textos que são, de facto, paráfrases laudatorias e/ou sínteses ocultadoras de informações do domínio público. Essa justaposição contribui para uma «escansão do temno» assente na permanência, reforçada por uma quase obsessiva iteratividade textual.

beneficiam do discurso cultural proferido em torno dos seus maiores, a que se acrescenta a nota da respeitosa ternura. Por fim vêm as referências regulares a duas das filhas de D. João VI: as princesas Isabel Maria, antiga regente, e Ana de Jesus Maria, símbolo de uma miscigenação social irreversível.

Nas suas *novas da Corte* Francisco de Andrada pouco mais pode revelar do que o já escrito, ou contado, que respiga nos jornais «grandes», na folha oficial, ou nos salões. Socorre-se, pois, do tópico canonicamente inaugural, nessa época de morbilidade ainda elevada: o estado de saúde da real família. Mas imprime-lhe intencionalidades de vário cariz. Entre estas avulta, redundantemente, o propósito de incutir nos espíritos a noção da dependência fundamental entre a estabilidade política necessária e a sobrevivência, em boas condições físicas, do régio casal e dos filhos. Assim é confirmado o discurso oficial que, aqui, converge, em termos ditirâmbicos, na pessoa, sacralizada, de D. Maria II «...adorée de ses sujets.....»

À notícia, rotineira nos seus colegas «com política», é dada a devida importância; em *L'Abeille*, ela assume o carácter de jubilosa epifania quando as individualidades «...qui se portent parfaitement bien...» são «notre Auguste Souveraine» ou «Le Roi et Ses Augustes Enfants». Os três vêm recorrentemente associados em sintagmas deste tipo, que os designam como esteios e esperança de uma dinastia fragilizada por acidentado processo de regeneração política, biológica e cultural. Uma solicitude quase igual é declarada a propósito de «Sa Majesté L'Impératrice», cuja imagem remete para a sua qualidade de «...L'Auguste Veuve de l'immortel DON PÈDRE (sic)....» (n.º 22, Jul. 1841, p. 436). Em termos mais comedidos descrevem-se as oscilações da periclitante saúde de D. Isabel Maria. *L'Abeille* segue os seus passos discretos, onde quer que ela vá. Omite a sua ausência nas celebrações que consagram a nova ordem, mas não deixa de opor, em dois textos contíguos, a sua festa natalícia e a da Duquesa de Bragança, em Sintra, onde é visitada por toda a família real e por altas personagens. Em Benfca será celebrado o aniversário de sua cunhada:

«Le jour de l'anniversaire de S. A. R. l'Infante D. Isabel Maria, une grande quantité de personnes de tous les rangs, ainsi que les Membres du Corps Diplomatique, allèrent saluer la Princesse.... Il y eut le soir une brillante réunion, où Ton fit de la musique, et la jeune comtesse de Lumiares, fille de Mr. le Duc de Lafões, s'y distingua par le talent aussi rare que beau, qu'elle possède sur le piano. Il était près de minuit quand on se retira, enchanté des manières nobles et gracieuses de son Altesse Royale» (*ibid.*).

A tónica desloca-se, aqui, para a popularidade da anfitriã que promove um serão musical, ao modo novo, mas com excepção das árias de ópera, muito apreciadas *du côté de la ville*. Entretanto, os nomes que deslizam nestas linhas enviam para grupos recordados, e representativos, do Portugal velho... (8). *L'Abeille* insinua, assim, um facto que não escapa à experiente sagacidade de Francisco Andrada: a flutuação das fronteiras que só aos olhos do vulgo separam, rígida e irreversivelmente, cartistas, setembristas e miguelistas.

O último degrau das «Nouvelles de la Cour» é ocupado pelos «actos» da Infanta Ana de Jesus Maria, exemplo excelente de atitudes e hábitos em via de adopção pela nova aristocracia que a revista define, formalmente, como: «...tout ce qu'il y a de plus distingué dans les différentes classes de la société...» (n.º 22, Jul. 1841, p. 337). As informações sobre a boa saúde de que goza, quase sempre, esta Princesa, reenviam para a sua legítima posição de sangue, que sobreleva a sua condição de esposa do 2.º marquês de Loulé. O seu controverso casamento será sempre ocultado, mas não será por acaso que *L'Abeille* liga, implicitamente, o *boletim de saúde* de «S.A.R. l'Infante D. Ana» à intensa actividade social que a chama à Cidade (9). Assim os leitores ficam a saber que:

«...Nous [= *L'Abeille*] sommes charmés de pouvoir assurer que les bruits fâcheux qui ont circulé sur l'état de santé de S.A.R. l'Infante D. Ana sont entièrement faux. La Princesse se porte, au contraire, beaucoup mieux, et a été assez bien pour pouvoir passer une soirée de cette semaine chez Mme. la Comtesse de Farrobo», (n.º 3, Out. 1840, p. 85).

Ana de Jesus Maria inclui-se no grupo de mulheres que, para o jornal, estão acima de toda a censura. A Infanta, objecto de fascinada admiração, aparece a legitimar uma sonhada aliança entre a Corte e a Cidade, gradualmente projectada nos discursos da «CHRONIQUE». Assim, logo nas primeiras «notícias», a Corte está ainda em Sintra, sua vilegiatura tradicional. A Infanta, nesse mesmo final de Setembro de 1840, escolhe Pedrouços. E avaliza um hábito da burguesia nova e em dia com *IV.

(8) Recorde-se que o Duque de Lafões se identificava com a «opção D. Miguel», contemplada pelo esforço reconciliador de D. Pedro IV. Cf. José A. França, ob. cit., p. 345.

(9) Por «Cidade» *L'Abeille*, entende, quase exclusivamente, os salões em que se reúnem a nobreza e a «aristocracia» tal como a revista a define, em termos de mérito pessoal, a desembocar numa noção em breve alargada a duvidosos merecimentos.

preceitos de saúde recém-importados ⁽¹⁰⁾. Ligam-se então dois textos:

«...Elle prend des bains de mer et on la voit régulièrement, très bien portante, dans sa loge au Théâtre de St. Charles, chaque jour de spectacle.

...Presque tout le monde est encore à la campagne, ou à prendre des bains de mer à Pedrouços, où Mr. Castilho (l'Avocat), continue cette année ses brillantes réunions des samedis...»; (n.º 1, Out. 1840, p. 26).

Entre as duas informações medeia um título: «Nouvelles de la Ville», que se esbate na contiguidade temática, em processo demasiado frequente para não ser portador de significação, como se verá em relação a outros «acontecimentos». Ainda a propósito da Infanta, pode ler-se, no número que traz o relato do primeiro grande baile do Inverno de 40, que esta «...tout à fait rétablie, orna de sa présence... le Bal de Mme. la Comtesse de Viana» («Nouvelles de Cour», n.º 6, Nov. 1840, p. 204). Logo a seguir vem a maravilha da descrição — a ela voltarei — inserindo o mítico Palácio do Rato num espaço intermédio (e mediador), desprovido de título e colocado, nesta secção de *L'Abeille*, entre as «Nouvelles de la Cour» e as «Nouvelles de la Ville». Frequentemente, esse lugar será reservado aos salões mais cotados da capital.

Francisco de Andrada deixa clara a sua posição de testemunha ocular dessa festa. E termina a sua resenha assinalando, entre todas, a presença de «ce beau cygne vraiment royal (it. no texto), toujours si élégant» (*ibid.*). A metáfora distingue, «na Cidade», a Princesa que só será nomeada «na Corte», espaço seu por direito. As outras senhoras são designadas, como mandava o bom-tom, pelas conhecidíssimas iniciais de seus nomes ou títulos. E para elas bastarão os adjetivos habituais...

L'Abeille tinha prometido ser eco fiel dos bailes da estação. Com efeito, à medida que vai transformando as «Nouvelles de la Ville» no «carnet mondain» de Lisboa, abandona a descrição inicial e opta pela lisonjeira nomeação dos ilustres membros desta alta sociedade regressada às práticas sociais ostentatórias. O bom uso da opulência é reabilitado através de um modo discursivo *outro*. Mas lembra usos do Antigo Regime, particular-

⁽¹⁰⁾ A Princesa contribuiu também para repor o hábito de contratar mestres estrangeiros para os jovens de boas famílias. Em 1836, a poetisa Pauline Flaugergues é a preceptora dos seus filhos. Colaboradora de *L'Abeille*, por ela a revista terá chegado à Corte. F. de Andrada terá apostado nesse conhecimento, quando, em 1840, dedica tamanha atenção à 2.ª Marquesa de Loulé.

mente gratos ao cronista, provedor dos mitos desejados pela nova sociedade O¹). Fiel à referência parisiense subjacente, e legitimadora da totalidade do texto *abelhiano*, Francisco de Andrada introduz assim a «nova do baile a que assistiu uma Princesa»:

«C'était avec orgueil que nous lisions l'année dernière dans les journaux de Paris la description des bals et des concerts, données par Mr. le Comte et Mme. la Comtesse de Viana, ces nobles enfants du Portugal, qui, sachant jouir de leur grande fortune, même dans la capitale du monde civilisé, se firent distinguer par leur amabilité, leur élégance et leur bon goût. Mais cette année nous n'aurons rien à envier à l'étranger, puisque nous avons parmi nous Mr. le Duc de Palmeira, Mr. le Comte de Viana, Mme. Monteiro de Almeida &c. qui savent faire un si noble usage de leur immense fortune, et qui comptent cet hiver, à ce qu'on dit, donner à Lisbonne des bals comme ils savent en donner, et dont les parisiens doivent bien regretter l'absence». (n.º 6, Nov. 1840, p. 205).

Nas descrições em que vai fazendo convergir os hábitos novos, introduzidos na Corte, com os costumes novos em im-

O¹) Cito aqui, pela sua pertinência para este estudo, algumas linhas com que Pierre V. Zima introduz o seu importante trabalho *Le désir du mythe. Une lecture sociologique de Marcel Proust*, Paris, 1973, pp. 15-16. «...ce que la bourgeoisie riche désire en courtisant la noblesse n'est pas seulement un honneur purement formel, dénué de substance concrète. L'honneur, c'est également du pouvoir; ...Tant que l'aristocratie détient, avec la bourgeoisie le pouvoir politique, le titre de noblesse correspond dans le monde social à quelque chose de concret: fréquenter la cour du grand seigneur ou du roi, c'est cultiver des relations avec le pouvoir suprême et participer à sa gloire. La symbiose économique-politique du capitalisme et de la noblesse est le paradis d'un genre d'hommes qui n'existe ni dans la société féodale composée de couches sociales étanches, ni dans une société démocratique 'aplaniée': ce sont les snobs ou plus exactement les dandys (Le dandy est un snob qui a choisi la noblesse comme 'groupe de référence'). Riche et puissante grâce à son rôle économique, la bourgeoisie capitaliste désire et combat en même temps la classe politique de la noblesse, affaiblie et rendue accessible à sa pénétration. Il s'agit donc l'adopter les valeurs et d'imiter les manières des nobles pour être reçu chez eux et devenir membre de leur groupe.... Dans cette situation, ceux qui deviennent le pouvoir économique, peuvent se procurer l'honneur et le pouvoir politique, soit en achetant des titres de nobles ruinés, soit en menant un train de vie nareil à celui des oisifs qu'ils admirent et devenir leurs semblables. Le snobisme du dandy fleurit donc dans une société où la production capitaliste permet l'accumulation assez grandes fortunes qui à leur tour rendent possible une existence désœuvrée de courtisan.» Em Portugal esta situação corresponde ao curto período em que imperou a ilusão da riqueza e da paz.

plantação na Cidade, *L'Abeille* transmite, com incansável redundância, uma arte *de saber viver com todos*. Com os tempos, como com as estações e com as ocasiões, os comportamentos terão de ser outros. Assim se entrecruzam as vozes da sociabilidade com as vozes da fidelidade. Aquela aparece como novo código de conduta, assente na burguesa «civilidade», em vésperas de larga divulgação através dos futuros, e inúmeros manuais ⁽¹²⁾. A exemplificação faz-se nos pormenores disseminados nas «notícias» das celebrações públicas de acontecimentos da vida privada do casal régio, mas, sobretudo, a propósito de episódios cuja importância política tende a apagar-se em proveito do peso emocional que lhes é imposto. Na época em que estas «Chroniques» são redigidas, trata-se de mostrar que o culto, devido, à Casa de Bragança, é, também merecido.

Não escapa a *L'Abeille* a oportunidade, única, que lhe oferece, em Outubro de 40, a gravidez e o parto infeliz da Rainha, cuja imagem já não era a da jovem soberana de 1834. Nem também a da Princesa por quem todos, cedo ou tarde, haviam derramado sangue e/ou inflamadas declarações. Durante o período a que se poderá chamar «o ciclo da dor», promove-se, com habilidade, um «efeito de familiarização» textualizado em «actos de escrita», de dominante injuntiva, dissimulada na sucessão dos resumos semanais. Estes vão introduzindo temas cripticamente relacionados com as teses de *L'Abeille*, aos poucos insinuadas, e reveladas no termo da história do «nascimento e morte de uma Infanta» ⁽¹³⁾.

Em 3 de Outubro a Soberana começa a dar lugar à mulher de comportamento exemplar:

«...On attend à chaque instant l'heureux accouchement de S.M. la Reine, qui, malgré la délicatesse de son état, se promène encore journellement dans son beau jardin des Necessidades» (n.º 1, Out. 1840, p. 26).

Era prática ainda inusitada. E surge reiterada no parágrafo seguinte. Este, relembando os mesmos preceitos higiénicos,

⁽¹²⁾ Cf. Maria de Lourdes Lima dos Santos, «Os costumes do bom-tom», in *Para uma sociologia da cultura burguesa em Portugal no século XIX*, Lisboa, (1983), pp. 11-55.

⁽¹³⁾ Utilizando o «On» (da autoridade delegada pelo Saber jornalístico e político «do mundo») mas preferindo o «Nous» (quase sempre da cumplicidade) o discurso, em «Nouvelles de la Cour» generaliza e/ou legitima, confirma ou infirma boatos e factos. O recurso ao «Il», como instância de enunciação, terá um uso particular em *L'Abeille*, que prefere entregar à Igreja a expressão das suas posições, progressivamente reveladas, a reenvolver o Trono e o Altar numa antiga e indefectível veneração. Cf. Pierre Rétat, «Rhétorique de l'article de journal...», p. 91.

recorda, indirectamente, a tranquilizadora presença de dois herdeiros, já iniciados a hábitos saudáveis:

«Le Prince Royal et l'Infant D. Louis, ou sortent chaque jour en voiture...., ou se promènent et jouent au jardin du Palais. Aussi la fraîcheur de ces deux jeunes Princes est un de charmes de leur étonnante beauté» (*ibid.*).

No número seguinte começa a encenação do trágico acontecimento, numa escrita rememorativa da história cujo desenlace é antecipadamente conhecido. As peripécias do nascimento e da morte da Infanta constituem o melhor post-texto para as considerações que Francisco de Andrada nela entretece, com relevo para pormenores técnicos nos limites do permitido pelas conveniências. A resultante é um discurso eminentemente didático, aqui impossível de analisar em detalhe. Esta «notícia», já mais longa, termina com a evocação patética das pompas fúnebres. Mas é visível a pressa de dar por encerrado, na memória dos leitores, o infausto episódio. Assim, o exórdio é uma tentativa para transferir o impacto emocional, a seguir gerado, para a solidarização com os vivos e para a esperança de novas maternidades (14):

«...nous osons espérer que la santé de Sa Majesté sera bientôt remise, malgré le choc causé par la douloureuse perte qu'Elle a faite!.... Voir enlever, en naissant, une tendre fleur, qui eût embelli les jours de la Reine et de son Auguste Epoux, est vraiment cruel pour nous tous; car le Coeur Maternel de notre Souveraine contient des flots d'amour, que ses sujets aiment à lui voir répandre sur ses Augustes Enfants, dont le nombre croissant ne peut que raffermir le Trône, en comblant les vœux de tous les loyaux Portugais! Mais hélas!, ce dernier gage nous a été dérobé!.... Mêlons nos larmes à celles de l'Auguste Famille» (n.º 2, Out. 1840, p. 53).

O imperativo final indica a atitude adequada e, simultaneamente, pretende congregar em redor da Rainha devoções e

(14) *Id., ibid.*, «L'extrait se construit très souvent à partir d'un 'préambule', ou 'réflexions liminaires'. L'éclat rhétorique de l'article se concentre dans cette attaque et ces morceaux obéissent précisément à une des prescriptions de la rhétorique, qui consiste à «généraliser» le sujet, à mettre tout fait, toute 'hypothèse' particulière en rapport avec une ou plusieurs thèse qui lui conviennent». Do gazeteiro das revistas «literárias» do sec. XVIII ao jornalista lisboeta de oitocentos, não é ainda grande a distância nem a diferença de formação bebida no Portugal do Antigo Regime. Os processos da persuasão aplicavam-se, apenas, a outras conjunturas e intenções.

emoções potenciadas pelo intertexto, conhecido, característico do culto mariânico (15). Deixando esquecer o alarme geral, só então *L'Abeille* iniciará o «ciclo da celebração». Este passa pelo reconhecimento explícito da gravidade do perigo que ameaçou o país. Recapitulam-se, pois, momentos e pormenores seleccionados em função de propósitos detectáveis sob o conteúdo manifesto das sínteses parciais, elaboradas nos números anteriores (16). Os textos que agora dizem as congratulações públicas assentam numa pluridiscursividade sistemática, em que se dá raro lugar à palavra persuasiva da Igreja, que vinha retomando funções nunca perdidas, mas relegadas para um plano secundário (17).

As antigas fidelidades de *L'Abeille* podem agora explicar-se, em oportuna duplicação de um discurso aglutinador, que a revista, diligente, refracta. Sabendo da generalizada receptividade à viragem que se anuncia na vida político-religiosa, as conivências de Francisco de Andrada desenrolam-se nos três números publicados até 15 de Novembro, em crónicas-lições, pejadas de lugares-comuns pedagogicamente escondidos. Não sendo aqui exequível deslindar os fios da trama que os subtende, delas destacarei alguns passos. Neles se propõe a convivialidade assimétrica que deveria selar as relações entre os membros das «diferentes classes da sociedade», no sentido que *L'Abeille*, e o seu tempo, dão ao termo.

O discurso ficcional da revista é um lugar privilegiado do não-dito e da insinuação; as suas Crónicas são uma aposta no máximo possível da inteligibilidade dos factos/actos que evoca. Neste seu espaço do dizível, agora em via de ser assegurado pela mão do sempre inominado Bernardo da Costa Cabral, *L'Abeille* deixa ver as suas posições e a sua leitura da História. Operando no domínio da modificação dos comportamentos, cuja posse reivindicará em outros textos, serve-se, primeiro, da referência

(15) *L'Abeille* dará especial relevo às festividades em honra da Virgem, antes e depois de 1841.

(16) Cf. Pierre Rétat, «Les Gazettes:....», pp. 28-29: «Une 'action' a eu lieu, mais l'importance qu'elle revêt échappe encore à l'appréciation. La formalisation n'intervient qu'ultérieurement, mais on remarquera qu'elle se fait alors par un saut qualitatif: du bruit on passe sans transition au récit constitué, à la 'relation' qui cristallise l'évènement en fait historique, en unité signifiante».

(17) Id., p. 30. «On voit donc la gazette passer d'une phrase affirmative.... à une phrase narrative, où se met en place un récit 'objectif' et unifié. Ce récit même n'est pas dissociable d'une formulation officielle de l'évènement, de son intégration dans le dispositif du pouvoir politique et religieux».

à Portaria que confirma o restabelecimento da Soberana ⁽¹⁸⁾. A frase sucinta que abre a Crónica do número subsequente contém a injunção decorrente do já escrito anteriormente:

«S.M. la Reine continue à bien se porter, nouvelle dont tout le monde doit apprécier la haute importance!» (n.º 4, Out. 1840, p. 119).

Abertas com este preâmbulo, virão as resenhas das «acções de graças», espectaculares, que terão lugar em Lisboa. Nesta encenação da glória entrelaçam-se, estreitamente, os discursos dominantes da fidelidade e da sociabilidade, na intersecção sancionada pelas novas formas de viver o profano, no sagrado. Assim *U Abeille* as acolhe e as diz:

«S.M. la Reine étant entièrement rétablie, a assisté au Te Deum qui fut dit... pour Son retour à la Santé. Jamais notre Jeune Souveraine ne parut plus fraîche et plus brillante qu'en cette occasion, où entourée de Sa Cour et des personnes les plus distinguées, Elle remerciait le Ciel pour l'avoir conservée à ses fidèles sujets» (n.º 6, Nov. 1840, p. 204).

O relato seguinte ocupa quatro páginas. Caracteriza-se por um luxo de pormenores revelador da presença do redactor, pessoalmente envolvido no processo de popularização/humanização da Rainha. Esta surge na Igreja do Convento da Estrela, em contacto com mais amplas camadas sociais, representadas pelos «officiers de la Maison Royale et par tous ceux qui jouissent du même honneur...» a quem se deve esta iniciativa.

Em nota quase prévia, no rodapé, lugar que *U Abeille* utiliza para o diálogo com os leitores, reproduz-se, dramaticamente, a linguagem autenticadora dos médicos. Ficam, assim, excluídas opiniões divergentes sobre a veracidade do drama protagonizado por D. Maria II:

«On ne peut douter que la vie de S.M. la Reine, à l'occasion de sa troisième couche a été exposée au plus grand danger le 4 octobre dernier; les accoucheurs, les médecins et tous les membres de la Faculté présents,

⁽¹⁸⁾ Na economia geral do discurso de *L'Abeille*, o território dos «comportamentos adequados» integra os conselhos sobre a moda, disseminados profusamente nas «Crónicas», em detrimento de artigos específicos, pouco numerosos, mas quase sempre ilustrados com gravuras coloridas. A partir de 1841 surge uma série de artigos sobre a «condição da mulher no sec. XIX», que fazem de *L'Abeille*, com efeito, «un journal unique en son temps» e no seu género.

O Sagrado e o Profano

ayant d'abord déclaré que le travail serait long, peu après difficile, ensuite périlleux et finalement le lendemain à 7 heures, que l'accouchement ne pourrait avoir lieu sans être aidé par les secours de l'art.» (n.º 8, Dez. 1840, p. 319).

Segue-se a descrição das pompas religiosas, em que avultam a decoração, magnífica, e a recepção dispensada às «pessoas de qualidade», segundo a melhor etiqueta. Para a beleza da cena contribuem as participantes.... e a música:

«...le choeur et les chapelles latérales offraient le plus beau coup-d'oeil, étant remplis des plus élégantes dames de la Cour et de La Ville.... au fond était l'orchestre.... [e a missa].... fut admirablement exécutée, surtout par Mme. Fabrica et Mlles. Boccabadatti qui chantèrent des solos d'une manière ravissante» (*ibid.*).

À celebração do officio divino é consagrada uma curta frase. A vivência religiosa aparece, entretanto no período final:

«...ce qui nous fit la plus vive impression, fut de voir notre Excellente Souveraine pieusement agenouillée, ayant à ses côtés l'aîné de Ses Augustes Enfants qu'Elle enseignait à prier et dont le maintien n'était pas celui d'un enfant de trois ans, mais bien celui d'une personne qui connaissait la majesté de l'acte auquel il assistait, ainsi que l'exemple qu'il devait donner à tous ceux dont les regards étaient fixés sur son angélique Personne. Quelles espérances ne doit-on pas fonder sur la belle éducation que reçoit dès à présent ce jeune et intéressant Prince!» (*ibid.*, p. 323) (19).

Ocupando o centro destas páginas vem o resumo citacional do sermão pronunciado pelo Capelão da Rainha, cuja reconhecida eloquência é assim avaliada: «...Profitant habilement de toutes les circonstances, [il] ...arracha des larmes d'attendris-

(19) Um ano mais tarde *U Abeille* amplia a imagem dos Príncipes, que constituía a prova das suas previsões; «...le 3, Leurs Majestés, le Roi, la Reine avec Leurs Altesses.... se rendirent l'après-midi au Royal Palais de Belém, afin de voir la religieuse et édifiante Procession de la Confrérie du Saint Rosaire de Notre Dame, donnant par là une nouvelle preuve de dévouement à la Foi. Alors comme toujours, l'on admira la beauté, les grâces naturelles et les manières admirables de nos jeunes Princes! L'on peut donc affirmer, sans craindre d'être taxé d'adulation, que Leurs Altesses attirent les coeurs de tous ceux qui ont le bonheur de Les approcher, et qu'il nous soit permis de dire que jamais en Portugal l'on ne vit donner pareille éducation aux Enfants de nos Rois dans un âge aussi tendre, éducation qui devient pour les Portugais le meilleur gage et le plus sûr garant de la prospérité future du royaume» (*Abeille*, 28, 15 Out. 1841, p. 104).

sement à tous ceux qui l'écouterent» (*ibid.*, p. 320). O passo que a seguir se transcreve constitui um dos primeiros exemplos da voluntária estratificação dos discursos, reproduzidos pela palavra da aparente transparência. Francisco de Andrada fala por interposta pessoa, como sempre fará:

«...[= o Capelão] parla du mariage du Roi avec la Reine, de leur tendresse mutuelle qui nous promec des jours heureux et calmes malgré les tempêtes causées par les crises politiques, dont la cause, dit-il, n'était pas la perversité des Portugais, mais bien le caractère et la nature de la guerre qu'on avait faite à l'usurpation. Il n'oublia pas la naissance des deux Princes et prononça leurs noms avec émotion; il affirma que Leurs Majestés étaient adorées de tous les Portugais, de tous, répéta-t-il, et que pour cela il n'y avait pas de parti. Si quelqu'un pensait autrement, celui-là n'avait pas un coeur portugais» (*ibid.*, p. 322).

A temática da fidelidade aparece, mais uma vez, a travejar o discurso da convivialidade, projectada no casal régio, que realiza a relação conjugal de novo tipo, bem pouco semelhante àquela que antes predominava. Era um dado novo, e frequente, nos contos escolhidos por *L'Abeille*, que aposta na sobrecodificação como tática principal.

No outro polo do quotidiano régio a revista mostra D. Maria II e D. Fernando no exercício conjunto, e mais raras vezes separado, das funções decorrentes dos poderes cometidos ao Trono⁽²⁰⁾. Uma especial atenção vai para os actos de cariz mundano e para o cumprimento dos deveres de civilidade que incumbem agora à aristocracia, e, por maioria de razão, aos seus representantes máximos. As visitas reais a instituições militares, culturais, de caridade ou a unidade fabris cedem o passo às «Festas»: os bailes palacianos, o solene e antigo beija-

⁽²⁰⁾ Eis os dois textos: «Sa Majesté la Reine, dans les circonstances difficiles où nous nous trouvons, travaille constamment avec Ses Ministres.

— Sa Majesté le Roi, pendant cette dernière quinzaine, est sorti..., pour visiter les Arsenaux de terre e de mer, les casernes de Corps appartenant à la Garnison de Lisbonne, le Château de St. Georges, les Parcs d'Artillerie et les travaux des Lignes de Lisbonne; voyant et examinant les armes, les uniformes et les munitions de guerre; faisant les recherches, les observations et les questions les plus justes; prenant des notes, goûtant de la soupe des soldats; et partout Sa Majesté fut reçue avec des marques de profond respect et de l'enthousiasme le plus vif» (*L'Abeille* 9, Jan. 1841, p. 393).

Outras «sugestões» estão contidas nesta justaposta «divisão de tarefas» e na promoção da imagem de D. Fernando como chefe militar. Não é aqui, porém, a ocasião de desenrolarmos mais esta meada do discurso de F. de Andrada.

-mão, as reuniões, menos formais, das noites de Domingo. Em cada um detes relatos se acumulam as subtilezas visíveis que inculcam preceitos de estilo ainda raro. Dois textos revelam a forma como são abonados o bom-tom e as boas maneiras. No primeiro descrevem-se os serões musicais realizados no espaço intercalar, já aludido, que, em *L'Abeille*, conduz os leitores da Cidade à Corte, pelo caminho mirífico de aristocráticos salões; no segundo «mostram-se» as recepções no Paço:

«...Les réunions des mardis chez Mme. la Comtesse de Viana est tout ce qu'il y a de plus agréable aujourd'hui à Lisbonne. La haute noblesse portugaise, si remarquable par ses noms historiques et en partie encore par ses richesses; les personnages les plus éminents de la société qu'on y rencontre, ne possèdent guère cette morgue et cette rigueur, apanage ordinaire de l'aristocratie de quel-quer pays, et se font distinguer seulement par leur exquise politesse et leur amabilité, dont les maîtres de la maison donnent l'exemple. La fleur de la beauté qui s'y réunit toujours n'est pas non plus fière et dédaigneuse et nous désirerions que bien des belles, qui nous sont connues, imitassent de pareils modèles» (n.º 7, Dez. 1840, p. 259).

«...Tous les Dimanches il y a grand cercle à la Cour; et ceux qui ont l'honneur d'y assister une fois ne perdront jamais le souvenir de l'extrême bonté avec laquelle nos Augustes Souverains daignent recevoir chacun n'oubliant rien pour se faire véritablement adorer de Leurs sujets» (n.º 9, Jan. 1841, p. 259).

L'Abeille vive ela mesma o «passe mágico da igualização/diferenciação» prosseguido, nas décadas seguintes, por outros processos ⁽²¹⁾. Desde sempre portadora da marca nostálgica que a há-de condenar, propõe a uns poucos, e só a esses, as regras da elegância, bebidas mais na França de Carlos X do que na nação de Luis Filipe ⁽²²⁾. A sua intenção iniciática transparece no próprio uso do francês, habitualmente utilizado entre nós pelos seres de excepção, que o jornal tentou dar a 1er. Singularmente, esses seres não se manifestam pela fala. O cronista assume a completa «régie» dos seus dramas mimados, e encar-

⁽²¹⁾ Cf. Maria de Lourdes L. dos Santos, *ob. cit.*, e «O drama social», pp. 56-92.

⁽²²⁾ As duas serão lidas como «erzats» possível dos Antigos Regimes, tão conflituamente sonhados pelas classes em tentativa de ascensão como pelo seu conivente porta-voz. A aglutiná-las vem a França do Império como meio de uma permanente mitificação de Bonaparte et de Josefina. Ainda aí *U Abeille* segue o processo de recuperação, em curso em França, e cultiva as conveniências pessoais do seu director.

rega-se de descodificar gestos e atitudes. Regula distâncias e focagens de acordo com os seus intentos e possibilidades. Os grandes planos integram-se, sobretudo, na empresa de popularização da Rainha, que prosseguirá fielmente. Assim, neste passo, em que se pinta um baile no Palácio de Belém:

«...Sa Majesté portait une robe de crêpe rose, sur du satin de la même couleur, également garni de fleurs, entremêlées de diamants. Un simple diadème de brillants, attaché à un cercle d'or, retenait les boucles gracieuses de ses blonds cheveux, et sur cette Auguste Tête (sic), pour quelques instants débarrassée du poids de la Couronne, on ne voyait que la douce gaieté de la jeune femme qui jouit des plaisirs de son âge» (n.º 11, Fev. 1841, p. 511).

Re-produzindo os acontecimentos, a que alguns eleitos assistiram, na língua que ajuda a construir o mito, Francisco de Andrada «ilumina», também, no sentido garrettiano do termo, os lugares em que evoluem os nomes e os títulos que se substituem aos entes que os usam. O paradigma perfeito, e preferido, é a feérica casa dos condes de Viana:

«...Nous regrettons de ne pas pouvoir dignement décrire cette brillante soirée, à laquelle assistaient toute la haute noblesse et un grand nombre de personnes de distinction. Le luxe et le goût exquis régnaient partout dans les décors et les tentures des salons, dans les meubles commodes et élégants, dans la qualité et la profusion des rafraîchissements, dans un domestique nombreux et empressé. On remarquait surtout un boudoir, qui était un véritable bijou: on y foulait aux pieds un riche tapis de Turquie aux brillantes couleurs; des divans et un sofa, d'une forme nouvelle et gracieuse, en velours cerise broché, entouraient cette pièce; sur une table, couverte d'un drap de velours cramoisi, l'on voyait nombreuse vaisselle d'or, aux formes antiques et richement ciselée; sur d'autres il y avait de magnifiques albums et ces mille riens élégants qui flattent l'imagination en charmant les yeux» (n.º 6, Nov. 1840, p. 205).

Nos domínios em que *U Abeille* fala por si, o discurso da moda completa-se pelo discurso da morada-modelo. Nela se enquadraram as «toilettes» adequadas. E são, sempre, as *grâças naturais* de quem as veste o elemento fundamental de uma acabada artificialidade, sempre lá, à flor do discurso que a oculta⁽²³⁾.

A vida prossegue nos espaços dourados da capital. Depois, o Verão esvazia a Cidade. Assim, as férias em Sintra abrem o

(23) Cf. Maria de Lourdes L. dos Santos, «*Os costumes....*», p. 35.

segmento final do ciclo abrangido por estas Crónicas. Os cenários prestigiosos de Lisboa dão lugar a outros palcos. Neles se reafirma uma convivialidade pública e privada, renovadamente sublinhada através de comportamentos a «normalizar», uma vez repostas as hierarquias um instante discutidas pelo também inominado Setembrismo.

As «Nouvelles de la Cour», em Julho de 1841, inauguram uma série nova de estereótipos:

«Sintra, ce délicieux séjour d'été, cet Edén du Portugal, est devenu de bonne heure, cette année, un lieu vraiment enchanteur. D'abord toute la Cour s'y trouve réunie.... [e, acrescenta-se].... ces Augustes Personnages se voient tous les jours et sortent tantôt à pied, tantôt à cheval, laissant tout le monde charmé des manières simples et affables qui Les distinguent» (n.º 21, Jul. 1841, p. 337).

O relato prossegue, deixando ver, nos caminhos paradisíacos, simbolicamente abolidores de diferenças, a possível transfusão entre a Corte e a Cidade, indiciada em formas diversas, e pré-dita, por exemplo, na preferência da Imperatriz pelo Passeio de S. Pedro de Alcântara.

«Todo este mundo» que segue a Corte, é, em suma, a aristocracia definida nos termos atrás citados. Pela primeira vez surge em contacto regular, não apenas com uma Infanta, mas com toda a Corte.

As «notícias da igreja»

Não se encontra na «Chronique» de *L'Abeille* a rubrica que teria podido intitular-se «Nouvelles de l'Eglise». Teria sido desnecessária.

Sublinhei já a insistência de Francisco de Andrada, inscrevendo, no seu discurso laudatório dos Poderes, uma religiosidade de novo estilo. Com efeito, os templos da capital, e não só eles, reaparecem como espaços eleitos da reconciliação e da igualização desejável. As festividades tradicionalmente promovidas pela Igreja nunca deixam de ser referidas. E a ênfase cresce à medida que se ultimam as negociações entre o Governo e a Santa Sé. *L'Abeille* esmalta, pois, as suas Crónicas, com o requinte novo das minúcias de antigos esplendores.

A estadia régia em Sintra é gostosamente interrompida pela viagem da «Augusta Família» a Alhandra. Aí se vai revificar, em meio rural, a aliança espectacular entre o sagrado e o profano. Aí a força e o prestígio da Realeza podem mani-

festar-se, e mesmo sobrepor-se, à prudente e ostensiva urbanidade praticada na capital, onde perdura a memória de confrontos recentes. Também não será por acaso que o povo faz, no texto que segue, uma das suas raras aparições na revista (24). Em três parágrafos justapostos convocam-se situações, locais e tempos vários que mutuamente se esclarecem.

«...Leurs Majestés quittèrent Sintra pour Lisbonne le 22 juin, et le 23 Elles allèrent à la belle Quinta de Sobralinho d'Alverca de Mr. le Duc da Terceira, afin d'assister à la fête de St. Jean-Baptiste d'Alhandra dont S.A. le Prince Royal était Juiz (sic). LL. MM. et les Princes furent reçus avec enthousiasme partout où ils passèrent. A Alverca il y avait des arches de triomphe, et la Municipalité vint saluer les Augustes Personnages, qui furent accueillis avec des girandoles de feu et des cris de joie.
— Leurs Excellences Mr. le Duc et Mme. la Duchesse de Terceira traitèrent et reçurent Leurs Majestés et Leurs Altesses avec la délicatesse la plus respectueuse, ce dont Leurs Majestés daignèrent montrer une grande satisfaction.
— Le 22 (sic), Leurs Majestés et le Prince Royal allèrent de Sobralinho à la Municipalité de Alhandra. où il serait impossible de rendre compte de la joie enthousiaste du concours immense de peuple qui s'y trouvait» (ibid.).

O quadro fica completo com as frases aue dão conta da solenidade religiosa, fazendo alternar maiúsculas de minúsculas de forma curiosa:

«Ils se rendirent à l'Eglise paroissiale et furent reçus sous le dais, qui était porté par des personnes de la plus haute distinction; on récita les Prières de La Liturgie Romaine, puis commença la grand-messe; le Saint-Sacrement était exposé, et Leurs Majestés avec Leurs Altesses assises sur le Trône» (ibid., p. 338).

O sermão, como habitualmente, esteve a cargo de D. Marcos Vaz Preto e contemplou, desta vez, o reconhecimento da soberana por Gregorio XVI. De novo Francisco de Andrada o reproduz, dando a palavra à Igreja e dela se apropriando para exprimir opiniões suas.

(24) «Vendredi, 20 Novembre, S.M. l'Impératrice visita l'Etablissement industriel de la Travessa da Horta.... Sa Majesté parut satisfaite des résultats qu'en moins de deux ans on est parvenu à obtenir, et l'a témoigné de la manière la plus honorable aux propriétaires.... Plût à Dieu que nos capitalistes suivissent l'exemple du noble entrepreneur de cet Etablissement, et nous ne verrions pas tant de mains suppliantes et tant de bras desséchés, faute de travail!» {*JJAbeille*, 7, Dez. 1840, p. 258). Outro raro exemplo.

A longa reportagem prossegue, com a sucessão dos festejos: missas, refeições oferecidas pela «nobreza da Cidade» (Condes de Suberra e de Farrobo) e as inevitáveis touradas. No seu termo, porém, irrompe a dificuldade que impossibilita a construção de um discurso especular sem brecha. Fica a involuntária denúncia da mitificação laboriosa de uma realidade ocultada, mas bem sabida por *L'Abeille* (25). A redundância informativa-formativa joga, aqui, contra o cronista, incapaz de prevenir as armadilhas da sua pobre retórica da persuasão:

«...Une garde de capitaine (sic) était de service auprès de Leurs Majestés pendant toute la Fête, et un escadron de Lanciers veilla, pour la forme, dans le bourg et ses alentours.... Toute cette journée fut consacrée à la Religion [=o dia 23] et aucun amusement profane n'altéra la Sainteté des Mystères.... Après la Fête Leurs Majestés reçurent quelques Membres du Corps Diplomatique, et beaucoup d'autres personnes de distinction» (*ibid.*, p. 339).

A agitação política cada vez menos larvar, e a latência de um profano popular que a mesma prudência leva a censurar, esbatem-se, a seguir, no relato do regresso triunfal a Lisboa. A atenção dos leitores terá ficado presa ao discurso reverencial que envolve Altar e Trono. Desta renovada aliança de poderes e de saberes decorre a denúncia dos «faux dévots» e das suas enganadoras previsões sobre a atitude do Pontífice, que *L'Abeille* põe na homília do Capelão e Conselheiro da Coroa.

As «notícias da Igreja» disseminam-se progressivamente nas duas rubricas-chave da revista. O discurso sacralizador acerca da Realeza é alargado à Religião. E promove os valores de uma Fé alimentada pelas belezas e pelas vantagens do Cristianismo, que um Conde de Chateaubriand vinha apontando de há muito. Francisco de Andrada, «afrancesado» por excelência, situava-se entre aqueles que melhor podiam apreciá-las e fazê-las apreciar.

As «Nouvelles de la Ville»

Os elos que se vão tecendo entre o mundo da Corte e o mundo da Cidade levarão, já depois de 1841, a omitir os subtítulos que os separam. Entretanto os leitores de *L'Abeille* revêm-se nela, ou por ela vêem as personagens que se movi-

(25) A nota do pessimismo surge frequentemente, a propósito de temas que, directamente, nada têm a ver com qualquer análise sobre a situação do país, de que *U Abeille* nunca se ocupa.

mentam entre os salões de baile, a ópera, os teatros, as salas de visita e as igrejas. Em todos estes espaços a revista vê palcos em que se forjam as novas maneira de estar, de vestir... e de cantar, diferenciadas por códigos em clarificação ⁽²⁶⁾. Pelo menos no «jornal francês de Lisboa» reina o bom-tom. No mundo de que *L'Abeille* tenta ser o espelho mágico e enfeitado, triunfam a cultura epidérmica e o cosmopolitismo de periferia. O obscuro funcionário do Corpo Diplomático, enfim aceite, contribui para fazer aumentar o número das «pessoas de distinção», mencionando-as nesta rubrica.

Desfilam na capital do reino, que ainda se não sabe «entre-duas-guerras», nomes ilustres ou apenas sonantes. Daí passam para as «Nouvelles de la Ville», recontextualizados pelo discurso transfigurador dos factos da vida cidadina. Estas reduplicam, com as distâncias devidas, os actos do Paço. E se os códigos retóricos e ideológicos são os mesmos, os *faits e actos* são interpretados por um elenco alargado de actores.

Como se disse, as silhuetas brilhantes que vivem em *L'Abeille* não falam. Os «ditos», ingrediente obrigatório que passa do «discurso social» (Marc Angenot) para a História narrativa do séc. XIX, não podem ser reproduzidos por Francisco de Andrada. Limita-se, pois, a dar a ler o que viu ou ouviu, eludindo a sua própria condição de intérprete identificado com aqueles de quem não é habitual interlocutor. E, talvez por isso, privilegia as vozes que cantam, quer nos salões, quer nos templos.

Os nomes dos que cultivam a música pouco variam. Mas os juízos de valor marcam a diferença entre os «amadores» e os profissionais, que comercializam os seus talentos. Assim, a concluir o relato do serão musical no palacete de Farrobo, que já referi, diz-se:

«Nous entendîmes, outre le célèbre Professeur Manuel Inocêncio (it. no texto)... un duo admirablement chanté par M.le Marquis de Nisa et D. Carlos da Cunha e Meneses, le plus jeune fils de M. le Comte de Lumières... mais ce quis est au-dessus de tout éloge, est la manière dont la séduisante Mlle, de Farrobo (D. Maria Joaquina) a chanté deux grands airs.... Sa voix est d'une étendue et d'une pureté telles que nous n'en n'avons jamais entendue à une personne de la société» (n.º 7, Dez. 1840, p. 259).

Nas festividades em que o sagrado e o mundano (avatar civilizado e inocuo do profano) marcam a vida religiosa, a ma-

(26) Cf. noita 6 deste trabalho.

gia do canto tende, em certas ocasiões, a instituir vivências igualizadoras, nesses lugares próprios da fraternidade eclesial. Se, entretanto, compararmos o *Te Deum* «da Corte», já referido, com o *Te Deum* «da Cidade», cantado em honra de Santa Cecília, resulta que, no primeiro, se nomeiam os músicos e as cantoras, no exercício da sua profissão, já que os «amadores» e «amadoras» estariam nos seus lugares próprios, enquanto brilhante assistência. No segundo o anonimato é reservado aos artistas, em contraste com a escrupulosa nomeação dos «outros»:

«Nous remarquâmes à l'orchestre, outre plusieurs amateurs distingués, M. le Comte de Lumières, jouant du violoncelle, et M. le Comte de Farrobo, du cor (sic), entremêlés aux artistes. Parmi les chanteurs on comptait Mr.L. de Vasconcelos, oncle de M. le Marquis de Castelo-Melhor, Mr. de Sousa Coutinho, fils de M. le Marquis de Santa-Iria, etc, et dans une galerie à part étaient M.lles de Farrobo (D. Maria Joaquina), O'Neill, Vidal, Lima et Mesdames Lodi» (n.º 7, Dez. 1840, p. 260).

A celebração, realizada na Igreja dos Mártires, 15 dias depois da cerimónia solene no Convento da Estrela, contou, também, com a presença dos Soberanos. Mas das cantoras de S. Carlos nada se diz. Os mesmos solos estarão a cargo das senhoras acima mencionadas.

Nos textos de «Nouvelles de la Ville», o prestígio dos nomes «novos» reconhece a irreversibilidade da História; a presença dos nomes «antigos» consagra o passado e, em certa medida, reabilita o que ainda é estigmatizado. O procedimento de *L'Abeille* segue, também aqui, uma táctica relativamente constante.

O cronista redige «por encomenda» as notícias que consagram os ritos ligados a momentos fulcrais de passagem, nutrindo, de outra forma, o mesmo «desejo do mito». De facto, anunciando «Casamentos», «Falecimentos» e «Nascimentos», opta pela transcrição simples das participações «comunicadas» pelos interessados, se estes não pertencem (ainda) ao grémio das «pessoas de qualidade» ou «de distinção». Para essa vai a desvanecida enunciação de títulos e propriedades, de que se assinala o trânsito pela via da herança ou da aliança matrimonial. Quando à riqueza se liga a nobreza, *L'Abeille* prodigaliza os «clichés» em que se projectam as aspirações da nova sociedade. Os «barões», porém, se gozam da consideração devida ao mérito, aparecem nos seus lugares próprios: as fábricas visitadas por régias per-

sonagens (27). Finalmente, para alguns Francisco de Andrada guarda o discurso aprendido no Portugal da sua juventude. Nesta etapa da sua carreira, solidariza-se com as altas personagens de um «agora» vigente, mas alude, antes, a um «antigamente» recente, de que ainda pouco se quer falar. Os textos a seguir reproduzidos, mais uma vez, vêm juntos:

«Décès. — Le 26 du mois dernier, est décédée... Mme. la Marquise de Alvito, D. Maria Isabel, Dame de Tordre de Sainte Elizabeth et Dona de Chambre de feu S.M. l'Impératrice et Reine D. Carlota Joaquina, de service auprès de S.A.R. l'Infante D. Isabel Maria....» (n.º 16, Abril 1841, p. 105).

«...Le Baron da Ribeira de Sabrosa, Ministre et Secrétaire d'Etat Honoraire, Sénateur, Député aux Cortes en 1836 et 1837, Général de Brigade, Grand Officier de la Légion d'Honneur en France, Commandeur de l'Ordre de la Conception, et Chevalier de celui de S. Bento de A viz. est décédé.... Nous donnerons plus tarde une biographie détaillée de cet homme d'Etat, aussi illustre par sa carrière politique que par ses ancêtres. La mort de Mr. le Baron de Sabrosa doit être comptée au nombre des malheurs qui pèsent sur ce pauvre pays: et la douleur avec laquelle les vrais Portugais reçurent la confirmation de cette triste nouvelle.... est le meilleur éloge que nous puissions en faire pour le moment» (*ibid.*, pp. 107-108).

Até Outubro de 1841 este será o timbre de «Nouvelles de la Ville», que também celebra, veneradora, o nascimento dos descendentes das grandes famílias. A propósito de *João Maria da Conceição* (it. no texto), sublinha-se que:

«C'est avec un véritable plaisir que nous annonçons la naissance de ce rejeton de la race du grand et immortel Don João de Castro». (n.º 22, Jul. 1841, p. 437).

Conclusão

Como tentei mostrar, o discurso da sociabilidade serve o discurso de fidelidades, quase viscerais, que Francisco de Andrada partilhou com bom número de portugueses, de todas as classes. Assim, o seu jornal é bem um testemunho do novelo das contradições que minavam, a vários níveis, as camadas de uma população em tempo de mobilidade social.

C²⁷) A fábrica em questão no texto transcrito na nota 24 pertence ao Barão do Tojal. Será visitada, alguns dias mais tarde, por D. Maria e D. Fernando. O nome do proprietário só é referido na segunda notícia. (*U Abeille*, 8, Dez. 1840, p. 323).

O director de *L'Abeille* disse, por vezes, em francês aquilo que seria até impensável em português. Fazendo autorizar por um Paris mitificado o fio dos seus discursos, contribuiu para nutrir a historicização mistificada e mistificadora de um presente que urgia justificar e religar ao passado. Terá, porém, errado o tempo da sua acção. Em 1836 foi visto como agente de espúria francização; em 1841 abandona *L'Abeille*, que se extingue antes da geração que a poderia sustentar. Também esta se esgotará, política, cultural e economicamente, na tentativa de «viver os mitos», incompatível com a implantação tardia, mas inexorável, do nosso pobre capitalismo.

L'Abeille de 1840 a 1841 fica como documento do alvorecer brilhante de uma sociabilidade em breve reduzida aos limites de um necessário «juste milieu». Sobre a eficácia do discurso ínvio introduzido nos textos de ficção, como sobre o efeito do claro discurso das «Chroniques» deter-me-ei no limiar das hipóteses.

A difusão do jornal foi despicienda. Pelo contrário, a sua influência, potenciada pela carreira posterior de Catarina de Andrada, merece alguma consideração. *L'Abeille* foi mais do que as suas «notícias», veios claros da continuidade das suas opções de raiz, e respostas a expectativas palpáveis. Sob o alibi da periodicidade e das necessidades do labor antológico, transparece, nas suas quase mil páginas, o permanente esforço para instaurar o acordo em torno das instâncias ideológicas que sobre-determinaram uma ostentada pluridiscursividade, mal cozida, a esconder uma duplicação do discurso monológico dos Poderes.

As vozes dissonantes que não calou, ou involuntariamente acolheu, anunciavam tempos difíceis por vir. Hoje, *L'Abeille*, sobretudo por ter adivinhado que as mentalidades se forjam nos quotidianos, pode ser lida como texto indiciador do árduo arranque do nosso país para os tempos modernos.